

A política econômica de Trump e as frações da classe dominante americana¹

Octávio Fonseca Del Passo²

Resumo: O artigo analisa a política econômica do governo Trump a partir da teoria de Nicos Poulantzas, propondo adaptações conceituais para aplicá-la aos EUA. Argumenta que o “tarifaço” pode ser interpretado como expressão de um conflito intra-burguês entre uma burguesia interna, protecionista e dependente do Estado para competir em nível local, e uma burguesia globalista, integrada às cadeias produtivas globais e menos dependentes do Estado em nível local. A investigação demonstra como diferentes setores produtivos e do capital financeiro se posicionaram diante da política tarifária, revelando divisões dentro da classe dominante americana. Conclui que Trump logrou unir setores industriais decadentes e o capital rentista especulativo sob um projeto imperialista de acumulação centrado no mercado doméstico.

Palavras-chave: Burguesia interna. Burguesia globalista. Política tarifária. Nicos Poulantzas.

Abstract: The article analyzes the Trump administration’s economic policy through the lens of Nicos Poulantzas’s theory, proposing conceptual adaptations to apply it to the United States. It argues that the “tariff hike” can be interpreted as an expression of intra-bourgeois conflict between a domestic bourgeoisie—protectionist and reliant on the state to compete locally—and a globalist bourgeoisie—integrated into global value chains and less dependent on the state at the local

¹ Embora a análise apresentada aqui busque captar as dinâmicas centrais da realidade americana, reconhecemos que se trata de uma hipótese inicial e em aberto, sujeita a críticas teóricas e metodológicas e a desdobramentos empíricos futuros.

² Professor de Sociologia da Rede Estadual de Educação de São Paulo, pesquisador do grupo Neoliberalismo e Classes Sociais no Brasil (CNPQ) e Doutorando em Ciência Política (IFCH-Unicamp).

level. The investigation shows how different productive sectors and segments of financial capital positioned themselves in relation to the tariff policy, revealing internal divisions within the American ruling class. The article concludes that Trump managed to unite declining industrial sectors and speculative rentier capital under an imperialist accumulation project centered on the domestic market.

Keywords: Domestic bourgeoisie. Globalist bourgeoisie. Tariff policy. Nicos Poulantzas.

Introdução

Muito tem se escrito sobre as bases populares de Trump e sobre os efeitos internacionais da política econômica do atual presidente americano³. Porém, pouco se tem analisado sobre o bloco no poder nos Estados Unidos, quais frações de classe são beneficiadas e quais são prejudicadas pela política de Estado de Trump, e como esta tem organizado politicamente as frações da classe dominante.

Dessa forma, este artigo tem o intuito de realizar uma análise de aproximação sobre o tema das frações da classe dominante dos EUA diante da política tarifária americana, buscando propor ajustes conceituais que destaquem não o caráter globalista das frações americanas, mas sua divisão em relação à política de Trump de defesa do mercado nacional, com o objetivo de levantar hipóteses iniciais sobre o bloco no poder americano⁴. Para isso, basear-nos-emos na teoria de Nicos Poulantzas, em especial nos livros *Poder Político e Classes Sociais* (2019), *As classes sociais no capitalismo de hoje* (1975) e *A crise das Ditaduras* (2000), que, sugerimos, carece de retificações teóricas para ser aplicado à realidade estadunidense.

³ Como, por exemplo, MARINGONI e GENTIL (2025), MIGUEL (2024) e FRASER (2017).

⁴ Agradeço os pertinentes comentários de Armando Boito Jr., André Flores Penha Valle e Danilo Enrico Martuscelli.

A teoria de Poulantzas é inspirada nas análises políticas realizadas por Marx, especialmente através do conceito de fração de classe. Assim, entendemos que Poulantzas parte de um nível elevado de abstração (a análise do modo de produção capitalista) e utiliza conceitos correspondentes (bloco no poder, hegemonia, classes sociais e frações de classe) para localizar frações de classe em determinadas formações sociais (dependentes) e em determinado tempo histórico (países da periferia europeia e da América Latina dos anos 1960 e 1970), momento em que desenvolveu os conceitos de burguesia interna, burguesia associada e burguesia nacional.

Dessa forma, partiremos da proposta de Poulantzas para realizar uma avaliação do dispositivo conceitual desenvolvido por ele e da pertinência de se utilizar essa ferramenta para a análise de um país imperialista. As adaptações conceituais necessárias serão empregadas para investigar a divisão intraburguesa expressa nas políticas tarifárias do governo Trump.

Este trabalho se organiza em quatro seções. Inicialmente, discutimos a teoria de Nicos Poulantzas, enfatizando as adaptações conceituais necessárias para sua aplicação ao contexto de um país imperialista. Em seguida, argumentamos pela inadequação do conceito de burguesia nacional para interpretar as frações de classe que apoiam Trump. Posteriormente, analisamos os efeitos da política econômica do governo Trump sobre diferentes setores econômicos americanos, para então examinar como esses setores se posicionaram politicamente diante da política tarifária.

A teoria e as adaptações necessárias a ela.

Uma questão primordial a ser enfrentada é que Poulantzas entendia os EUA como o centro do imperialismo e a característica desse país seria que lá a burguesia não se divide entre fração interna e associada (ou compradora), atuando como classe dominante unificada sob hegemonia do capital monopolista transnacional. Essa argumentação

fica subentendida em *As Classes Sociais no Capitalismo Hoje* (1974) e a conclusão era que os EUA não eram um Estado “colonizado” por interesses externos (como nos países dependentes)⁵, mas era o próprio operador do imperialismo. O atual governo Trump, no entanto, tem tomado medidas que reforçam a ideia que não é possível afirmar a unidade da classe dominante americana e, como veremos, sequer a unidade do capital financeiro⁶.

Assim, algumas adaptações se fazem necessárias para tornarmos viável a aplicação da teoria poulantziana à realidade americana, sendo a primeira delas a adequação dos conceitos “burguesia interna” e “burguesia associada”.

A burguesia interna é caracterizada por Poulantzas (1975, 2000) por ser uma fração de classe intermediária entre a burguesia nacional e a burguesia associada (ou compradora), ou seja, ela fica entre a fração burguesa que possui um projeto nacional de desenvolvimento e que, por isso, pode vir a entrar em conflito com o capital imperialista que atua em sua formação social, e a fração burguesa integrada ao capital imperialista, ou seja, aquela que não possui um projeto de desenvolvimento econômico autônomo. A burguesia interna, portanto, não é nacionalista, mas tampouco é entreguista e se caracteriza pelos seus conflitos pontuais ou seletivos com o capital imperialista e pela dependência do Estado para que, diante da concorrência do capital estrangeiro, seus lucros se realizem⁷.

⁵ É verdade, contudo, que Poulantzas utilizou o conceito para analisar países europeus como a França, a Alemanha e a Inglaterra que não são países dependentes clássicos. No entanto, apesar de exercerem certa política imperialista, podem ser considerados países dependentes do imperialismo americano. Assim, é importante frisarmos a diferença entre a “burguesia interna dependente” e uma burguesia interna imperialista, pois a força político-ideológica para enfrentar o capital estrangeiro é muito distinta nos dois casos

⁶ Neste caso, Poulantzas (1975, p.58) afirma que o capital financeiro não pode ser considerado como fração.

⁷ Em última instância toda fração burguesa depende do Estado para que seus lucros de realizem. Acentuo, portanto, a ideia de que para enfrentar o capital estrangeiro, determinadas frações burguesas precisam contar com a ajuda direta do Estado para

O equivalente dessa posição política nos EUA seria a postura dos setores que dependem do Estado para competir a nível local e global, como são os casos dos setores de energia fóssil, do agronegócio exportador e do complexo industrial militar (um exemplo seria a indústria de armamentos Lockheed Martin, que é “interna” por depender de contratos do Estado, mas é transnacional em suas operações financeiras⁸. Ou seja, utilizaremos o termo burguesia interna no contexto dos EUA para caracterizar a fração de classe que acumula capital prioritariamente dentro das fronteiras americanas, mas depende do Estado imperialista para que seu lucro se realize no próprio mercado interno.

Já a redefinição de burguesia associada nos EUA passa pela compreensão de que existem setores econômicos estadunidenses que são globalizados e que priorizam as cadeias produtivas externas (Silicon Valley, Big Pharma etc), mas que, no entanto, não são subordinadas ao capital estrangeiros, são a força dominante desta relação. Uma solução teórica seria, então, denominar essa fração como “burguesia globalista”, posto que atua sem lealdade a qualquer um dos Estados nacionais. Ou seja, o termo burguesia globalista será utilizado para caracterizar a fração de classe que é capaz de integrar capitais estrangeiros e que tem, portanto, o acúmulo de capital sendo realizado a nível transnacional e não dependente do mercado americano.

A conclusão teórica é, assim, que a partir da teoria de Poulantzas temos os dispositivos necessários para interpretar o tarifaço como um conflito intra-burguês nos EUA, que teria como fundamento a intenção da burguesia interna americana recompor as suas taxas de lucro usando a força do Estado para ativar o mercado interno dos EUA enquanto a burguesia globalista se manteve na defesa de um modelo de acumulação mais “flexível” e que busca se expandir para outras partes do globo.

enfrentar a competição no mercado econômico, pois não contam com força própria para fazer essa disputa.

⁸ A dependência do Estado no plano transnacional aparece justamente no afrouxamento regulatório feito por ele, e que permite essas operações serem realizadas.

Por que não uma burguesia nacional?

Poderíamos nos perguntar, no entanto, por que não utilizar o conceito burguesia nacional, também desenvolvido por Poulantzas, para compreender a atuação política dos setores dominantes que têm demonstrado apoio a Trump. O motivo mais básico é que a fração que apoia esse presidente não é, e não tem como, ser anti-imperialista, como pressupõe o conceito. Em termos rigorosos, se entendermos o anti-imperialismo como um projeto de ruptura com a dominação global do capital financeiro americano, não há essa força política nos EUA. O imperialismo é uma forma superior do capitalismo (LÊNIN, 2012); logo, toda fração burguesa americana estará comprometida com ele, na medida em que está comprometida com o próprio capitalismo.

A política de Trump, embora tenha foco no protecionismo (“*America First*”) e passe a impressão de um “isolacionismo nacionalista”, não questiona a hegemonia financeira global dos EUA. Ao contrário, mantém uma aliança secundária com o capital financeiro com o intuito de preservar a dominação do dólar e suas estruturas de acumulação e exploração de capitais estrangeiros (via taxa de juros, dívida pública etc.). Nesse sentido, a política de Trump não é anti-imperialista, mas disputa espaço dentro do imperialismo, buscando uma forma de acumulação que privilegie determinada fração de classe — ou seja, uma reorientação do imperialismo para beneficiar as frações que priorizam a acumulação doméstica.

Tabela: projetos imperialistas das frações burguesas americanas

Burguesia globalista	Burguesia interna
Imperialismo multilateral (OTAN, FMI, OMC, etc.)	Imperialismo unilateral (<i>America First</i>)
Dominação via alianças e finanças	Dominação via tarifas e sanções
Integração de cadeias produtivas globais	Proteção de setores estratégicos
Expansão do capital financeiro	Primazia do capital produtivo

Em síntese, poderíamos apontar que a burguesia interna (ligada a Trump) busca um modelo imperialista menos custoso (menos guerras, menos ajudas a países etc.), mas não menos predatório. Assim, trata-se de um projeto nacional apenas no sentido de priorizar o território americano como centro de acumulação, sem renunciar à exploração do restante do mundo.

Por fim, a fração de classe que apoia Trump não parece ter um projeto nacional de desenvolvimento como a burguesia nacional clássica analisada por Poulantzas, pois não articula industrialização, mercado interno e bem-estar social. Ela não apenas deixa de priorizar qualquer forma de integração popular, como também é excludente e realiza ataques aos direitos trabalhistas e à seguridade social⁹.

Desse modo, por não desafiar a dominação imperialista dos EUA no sistema mundial, por não articular um projeto de desenvolvimento clássico e por manter alianças contraditórias com o capital financeiro, optamos por utilizar o conceito de burguesia interna — e não de burguesia nacional — para descrever a fração de classe que apoia as políticas de Trump.

A política econômica de Trump e seus efeitos nos setores econômicos americanos

Agora nos cabe, portanto, analisar se a conclusão teórica tem lastro material e, caso tenha, quais seriam então os setores econômicos beneficiados e quais foram prejudicados pela política econômica de Trump, em especial em relação ao tarifaço para identificar quais setores se posicionaram como burguesia interna e quais se posicionaram como burguesia globalista.

Iniciaremos pelos setores que identificamos terem sido afetados negativamente pelas tarifas. O primeiro deles é a agricultura, produtos

⁹ Não podemos, no entanto, excluir a possibilidade que haja, dentre o médio capital (portanto, fora da disputa pela hegemonia no bloco no poder) alguma fração que atue como burguesia nacional nos EUA.

como soja, milho, trigo e carne suína foram prejudicados, pois o Estado americano foi imediatamente retaliado e as exportações caíram e muitos agricultores dependem de subsídios governamentais para compensar as perdas. A indústria automotiva (Ford, GM) também foi imediatamente prejudicada, porque as tarifas sobre aço e alumínio aumentaram os custos de produção para montadoras, além das tarifas sobre peças importadas que pressionaram o setor.

O setor de eletrônicos e tecnologia (Apple, Microsoft) também foi duramente afetado, pois as empresas que compõem esse ramo dependem de componentes importados da China e passaram a enfrentar custos mais altos. O setor de varejo e bens de consumo como eletrodomésticos, roupas e calçados (Walmart, Amazon) também ficaram mais custosos devido as tarifas, em especial daquelas direcionadas à China.

Por fim, identificamos que o setor de siderurgia e alumínio (U.S. Steel, Nucor e Century Aluminum) sofreu de um efeito ambíguo, pois apesar do objetivo declarado ser o de proteger a indústria nacional, algumas siderúrgicas passaram a enfrentar custos mais altos devido a tarifas sobre os insumos¹⁰, mas também devido à tendência de queda da demanda global. A mesma situação se passou com o setor da construção civil. Embora algumas grandes empresas tenham se posicionado de forma positiva ao tarifaço, a grande maioria das empresas e representantes sindicais da construção civil se manifestou de forma cautelosa, considerando que as medidas de Trump geram incertezas nos preços dos insumos da construção, impactando na margem de lucro.

Por outro lado, o setor de siderurgia e alumínio foi inicialmente beneficiado pelas tarifas, posto que elas incidiram sobre a importação de aço (25%) e alumínio (10%) beneficiando os produtos domésticos e aumentando a demanda local.

Dentre os setores que claramente se beneficiaram positivamente estão o de energia (petróleo e gás), que não foi diretamente alvo de

¹⁰ No entanto, sabemos que muitas siderúrgicas já usavam aço reciclado e, portanto, não dependiam de importação.

tarifas e se beneficiou de políticas pró-combustíveis fósseis. A indústria de defesa americana também parece ter se beneficiado, na medida em que empresas do complexo industrial-militar (como Lockheed Martin e Raytheon) foram favorecidas pelo aumento dos gastos com defesa. Também estão no rol das empresas beneficiadas pelas tarifas algumas fabricantes locais de máquinas equipamentos e ferramentas (Snap-on, Stanley Black & Decker, Midwest, Caterpillar) que tiveram proteção temporária contra os concorrentes estrangeiros.

Por fim, em menor medida foram beneficiadas a indústria química e de plástico (Dow Chemical e Eastman Chemical), pois se beneficiaram de tarifas sobre produtos químicos chineses. Mas, tiveram um ganho menor enquanto setor, pois muitas empresas desse ramo dependiam de insumos importados da China. Também com ganhos limitados estão as indústrias de produtos têxteis e vestuário, que apesar de quase extinto ainda existem pequenas e médias empresas manufatureiras que competem com importações, empresas que ganharam certo espaço no mercado local.

Em conclusão, ganharam com as tarifas a indústria pesada, o setor de energia a indústria de defesa e de máquinas e equipamentos, ao passo que perderam os setores agroexportadores, a indústria de eletrônicos, de energia, a automotiva e o varejo.

A posição política dos setores econômicos americanos diante do tarifaço

Agora nos cabe realizar uma avaliação da posição política dos setores econômicos para averiguarmos se, a despeito de terem sido beneficiadas ou prejudicadas com o tarifaço, elas apoiaram ou se opuseram à política econômica de Trump. Iniciaremos realizando uma comparação dos setores que foram prejudicados com as tarifas.

Analisando o setor agroexportador foi possível identificar críticas à política de Trump devido às retaliações imediatas da China. Empresas como Cargill e Archer Daniels Midland (ADM) se

posicionaram dessa forma (PLUME e RICKMAN, 2024; PLUME, 2025). O setor automotivo também se posicionou de forma contrária, empresas como GM e Tesla alertaram que os custos para elas seriam de até \$1bi (REUTERS, 2025). O setor de tecnologia e eletrônicos também se manifestou de forma contrária ao tarifaço, como foram os casos da Apple e NVIDIA (JI, 2025; LI, 2025). Por fim, o setor de varejo e bens de consumo, que tem característica globalizada nos EUA também se manifestou para demonstrar descontentamento. Empresas como Walmart e Target alertaram sobre o aumento de preços para os consumidores americanos (HABESHIAN, 2024; MEYERSOHN, 2025).

A Associated Builders and Constructors (ABC), por exemplo, apoia outras políticas de Trump, mas reconhece danos causados pelas tarifas. A National Association of Home Builders (NAHB), afirmou que as tarifas elevam os custos das moradias e a Associated General Contractors of America (AGC) afirmou as tarifas são um risco à execução de projetos e inviabiliza novos contratos (OLICK, 2025).

Há, portanto, uma correlação direta entre os setores afetados negativamente pelo tarifaço com uma posição contrária à essas políticas de Trump e a característica em comum dessas empresas é uma maior dependência das cadeias globais, de modo que é possível afirmar que se posicionaram como burguesia globalista e defendem outro tipo de intervenção do Estado, direcionada à desregulamentação do fluxo de bens e capitais em nível internacional.

Já os setores que foram afetados positivamente pela política econômica de Trump se posicionaram da seguinte maneira. Indústrias pesadas de siderurgia e alumínio se manifestaram em apoio às tarifas de 25% sobre o aço importado, como foram os casos da U.S Steel e Nucor (JIN e MUNROE, 2015). O mesmo posicionamento foi o de empresas de energia (MORENNE, 2025), em especial de energia fóssil¹¹, como foram os casos da Peabody Energy (carvão) e ExxonMobil (petróleo),

¹¹ O setor de energia se divide. Empresas de energia limpa se dividem, por exemplo, em relação aos painéis solares chineses.

que apoiaram a desregulamentação ambiental e as tarifas sobre as concorrentes (GRAHAM, 2025).

A indústria de defesa demonstrou preocupação com a tarifa sobre o aço, afirmando que sob o ponto de vista da segurança nacional ela é injustificada e aumentará os custos militares (MCLEARY e GOULD, 2025), mas não se opôs às tarifas e explicitamente à política de Trump. Muito provavelmente, porque além de não terem sido diretamente atingidas têm grandes contratos estatais (Pentágono) e uma hierarquia a respeitar. Empresas da indústria química¹² e de plástico entendem que se trata de defesa da indústria local diante de concorrência internacional desleal, mas se mostraram inseguras com os possíveis efeitos na cadeia de produção, em especial as que dependem da importação de petróleo do Canadá e México (JOSHI e KATZ, 2025). As empresas da indústria têxtil, como a LHSC Inc. (HOME TEXTILES TODAY, 2018) e Greenwood Mills (BINDER, 2024) apoiaram mais claramente as tarifas para combater os produtos asiáticos.

Por fim, vale destacar que o posicionamento explícito das empresas dos setores econômicos listados encontrou correspondência na manifestação dos sindicatos patronais que as representam. No caso dos setores que apoiaram a política tarifária de Trump localizamos o posicionamento da Coalition for a Prosperous America (CPA) (WHITE HOUSE, 2025)¹³, que representa a indústria e agronegócio americano, da American Iron and Steel Institute (AISI) (HARRISON, 2025), representante do setor siderúrgico, da National Council of Textile Organizations (NCTO) (FIBRE 2 FASHION, 2025), representante do setor têxtil

¹² Vale mencionar que no caso da indústria química, algumas empresas dependem de importações da China, de modo que houve posicionamentos manifestando receio em relação à guerra comercial.

¹³ No sítio da Casa Branca estão listados os apoios recebidos por Trump, entre eles destaco também: Steel Manufacturers Association, Alliance for American Manufacturing, National Electrical Contractors Association, National Council of Textile Organizations, American Iron and Steel Institute, American Petroleum Institute, National Association of Home Builders Chairman e Kelly Loeffler da Small Business Administration.

e da American Chemistry Council (ACC) (AMERICAN CHEMISTRY COUNCIL, 2025), representante do setor químico.

Já as que se posicionaram contrárias à política tarifária, foi possível localizar críticas da U.S. Chamber of Commerce (US CHAMBER OF COMMERCE, 2025), grupo de lobby empresarial, da Business Roundtable (BUSINESS ROUNDTABLE, 2025), que reúne CEOs de empresas como Apple e Walmart), National Retail Federation (NRF) (NRF, 2025), representante do setor de varejo, e American Farm Bureau (FARM BUREAU, 2025), representante do agronegócio exportador.

É, portanto, possível concluir que: a) os posicionamentos refletem a divisão da burguesia americana, que pode ser lida em termos de fração de classe; b) os setores que dependem de proteção estatal para se desenvolverem no mercado interno apoiaram as tarifas e se comportaram politicamente como burguesia interna, ao passo que os setores internacionalizados nas cadeias globais de produção e, portanto, de um Estado imperialista mais expansionista, se comportaram como burguesia globalista; c) ainda que a burguesia globalista possa manter a hegemonia no bloco no poder americano, a burguesia interna pode se fortalecer com a política econômica de Trump.

A divisão do capital financeiro de Wall Street

Além dos setores produtivos, as clivagens internas também se manifestaram no capital financeiro¹⁴, especialmente em Wall Street, onde a hegemonia da fração globalista convive com frações especulativas mais voltadas ao mercado interno.

Ao analisar o capital financeiro americano devemos levar em consideração que se trata de um capital majoritariamente transnacional, mas que não pode ser classificada como burguesia associada ou

¹⁴ Para Poulantzas o capital financeiro não é uma fração de classe, mas empresas que têm como atividade econômica principal a qual extraem seus lucros as finanças e não a produção. São exemplos os bancos de investimento, fundos de pensão, seguradoras, cooperativas de crédito etc.

compradora por ser a força política dominante na relação com o capital estrangeiro e não a força dependente, de modo a estar mais próximo do que denominamos capital globalista. Desse modo, é possível compreender que o capital financeiro americano se oponha à política tarifária, por entender que ela pode ter efeitos disruptivos e prejudiciais à valorização global do capital (exemplo: as ações de empresas que investem na China caíram), o que os levaria a defenderem um sistema financeiro globalizado mais estável, que garanta o fluxo de capitais, dívidas soberanas e os investimentos externos. No entanto, na análise concreta não podemos tomar Wall Street como um bloco monolítico, de forma a pressupor que a sua atuação em relação ao Estado pode ser ambivalente.

Aqui levantamos a hipótese de que o capital financeiro dos EUA pode ser dividido entre uma ala mais especulativa/rentista e uma ala mais voltada ao financiamento produtivo/internacionalista. A característica primordial da ala especulativa é que elas são compostas pelos fundos de *priveti equity* (ex: Blackstone), gestores de *hedge funds* (ex: citadel) e bancos regionais. Essa fração financeira tem como principais interesses os cortes de impostos (como o Tax Cuts e Jobs Act de Trump) e a desregulamentação financeira. Já a ala produtiva é composta pelos grandes bancos de investimentos (ex: Goldman Sachs) e gestores de ativos globais (ex: BlackRock) e tem como principais interesses a estabilidade monetária global (as guerras comerciais, por exemplo, desorganizam os fluxos de capital) e os acordos comerciais (investimento em cadeia produtiva no exterior).

Embora em certo sentido, o conjunto do setor financeiro dos EUA possa ser considerado como burguesia globalista, notamos que ela se mostrou dividida em relação à política de priorização das cadeias produtivas nacionais. Assim, notamos que a fração rentista do capital financeiro americano se aliou à burguesia interna americana, pois além das medidas que os beneficiaram diretamente, ganharam com os setores industriais beneficiados pela política tarifária que geram ativos para especulação com títulos de dívida das empresas

beneficiadas. Um exemplo é Steve Schwarzman (Blackstone), que apoiou Trump após se beneficiar de cortes fiscais que trouxeram a ele ganhos imediatistas (JONES, 2024). Ao passo que a ala produtivista se mostrou, portanto, dividida. Desse modo, se opuseram à política tarifária de Trump devido aos riscos aos investimentos internacionais, se aliando, assim, à fração globalista da burguesia americana. Um exemplo é Lloyd Blankfein (Goldman Sachs), que criticou as medidas de Trump e pediu adiamento delas (ZILBER, 2025).

Essa divisão é interessante por nos evidenciar que Trump logrou unir a burguesia interna à fração especulativa de Wall Street em uma aliança contraditória que tem como pilar de sustentação o protecionismo para indústrias decadentes com o neoliberalismo para financistas. O que só foi possível porque o rentismo especulativo não precisa de livre comércio, apenas de liquidez e desregulamentação¹⁵.

Conclusão

A conclusão teórica é que o dispositivo conceitual de Poulantzas é pertinente para analisarmos um país imperialista, desde que realizado alguns ajustes. O conceito de burguesia interna se mostrou adequado à realidade americana, ao passo que o conceito burguesia associada necessitou de retificação (burguesia globalista) e o conceito burguesia nacional se mostrou ineficaz.

¹⁵ Apesar de o rentismo se beneficiar do livre comércio, entendemos que ele não depende do livre comércio porque ele atua prioritariamente no sistema financeiro globalizado e não na produção ou circulação de mercadorias e serviços. Seus lucros vêm da especulação e não da produção, ou seja, da valorização de ações, câmbio, juros, imóveis ou títulos da dívida pública e não com a importação ou exportação de bens. Assim, precisa de livre circulação de capitais financeiros e não de bens, de modo que mesmo em países com protecionismo comercial, o capital especulativo pode entrar e sair por meio de sistemas bancários e bolsa de valores. Por fim, os fundos de investimento, operações hedge, derivativos e arbitragem financeira operam em espaço virtual, descolado da economia real. Um exemplo do rentismo desvinculado do comércio de bens são os fundos especulativos que lucram comprando títulos da dívida pública brasileira com juros altos, sem importar ou exportar nada.

A partir desses conceitos foi possível verificar que o tarifaço de Trump pode ser lido à luz da teoria poulantziana como expressão de um conflito entre burguesia interna e burguesia globalista. Destacando que setores do capital produtivo do capital financeiro se dividiram politicamente e se posicionaram de modo distinto.

A burguesia interna, composta pelo capital produtivo endógeno e do capital financeiro rentista, ambos mais dependente do mercado americano e com cadeias menos globalizadas, foram majoritariamente favorecidos pelas tarifas, pois dependem de preços protegidos no mercado interno e competem via custos e não via inovação. Já a burguesia globalizada, composta pelo capital produtivo globalizado e pelo capital financeiro produtivo, ambos ligados às cadeias globais de suprimentos e dos mercados externos saíram prejudicadas com as medidas protecionistas. Em outras palavras poderíamos dizer que o tarifaço foi uma manobra para realocar vantagens dentro do capitalismo imperialista americano.

Referências

AMERICAN CHEMISTRY COUNCIL. ACC statement in response to the Trump administration's executive orders on tariffs. American Chemistry Council, 03/02/2025. Disponível em: <https://www.americanchemistry.com/chemistry-in-america/news-trends/press-release/2025/acc-statement-in-response-to-the-trump-administration-s-executive-orders-on-tariffs>. Acessado em: 12/07/2025.

BINDER, John. *U.S. Tariffs on China Help Rescue American Textile Companies from Ruin*. Total News, 29/05/2024. Disponível em: <https://totalnews.com/u-s-tariffs-on-china-help-rescue-american-textile-companies-from-ruin/>. Acessado em: 12/07/2025.

BUSINESS ROUNDTABLE. *Business Roundtable statement on universal tariffs*. Business Roundtable, 02/04/2025. Disponível em: <https://www.businessroundtable.org/business-roundtable-statement-on-universal-tariffs?>. Acessado em: 12/07/2025.

FARM BUREAU. *AFBF: New tariffs will impact America's farmers*. Farm Bureau, 02/02/2025. Disponível em: <https://www.fb.org/news-release/afbf-new-tariffs-will-impact-americas-farmers?>. Acessado em: 12/07/2025.

FIBRE 2 FASHION. *US' NCTO applauds Trump's tariffs, trade enforcement measures*. Fibre 2 Fashion, 06/04/2025. Disponível em: <https://www.fibre2fashion.com/news/announcement/us-ncto-applauds-trump-s-tariffs-trade-enforcement-measures-301810-newsdetails.htm>. Acessado em: 12/07/2025.

FRASER, Nancy. *The end of progressive neoliberalism*. Dissent Magazine, 02/01/2017. Disponível em: https://www.dissentmagazine.org/online_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser/?utm_source=chatgpt.com. Acessado em: 10/07/2025.

GRAHAM, Jed. *Trump EPA Moves Warm Coal Stocks, Tap Brakes For These S&P 500 Firms*. Investor's Business Daily, 18/03/2025. Disponível em: https://www.investors.com/news/sp-500-heavy-duty-trucks-emissions-coal-stocks-trump-epa-pcar-cmi-cnr/?utm_source=chatgpt.com. Acessado em: 11/07/2025.

HARRISON, Lisa. *AISI Statement on implementation of additional steel tariffs*. American Iron and Steel Institute, 12/03/2025. Disponível em: <https://www.steel.org/2025/03/aisi-statement-on-implementation-of-additional-steel-tariffs/>. Acessado em: 12/07/2025.

HEBESHIAN, Sareen. *These retailers may raise prices if Trump's tariffs take effect*. Axios, 19/11/2024. Acesso em: <https://www.axios.com/2024/11/20/trump-tariffs-retailers-raise-prices-products-walmart>. Acessado em: 10/07/2025.

HOME TEXTILES TODAY. *Group presses for Trump tariffs on chinese textiles*. Home Textiles Today, 17/05/2018. Disponível em: <https://www.hometextilestoday.com/industry-news/group-presses-trump-tariffs/>. Acessado em: 12/07/2025.

Jl, Christine. *Trump's trade advisor slams Apple's China ties – but Wall Street says it can't afford to leave*. Bussines Insider, 08/07/2025. Disponível em: https://finance.yahoo.com/news/trumps-trade-advisor-slams-apples-093001567.html?fr=sycsrp_catchall. Acessado em: 10/07/2025.

JIN, Hyunjoo; MUNROE, Tony. *Shares of US Steel, aluminium companies surge pre-market*. Reuters, 10/02/2025. Disponível em: https://www.reuters.com/markets/commodities/trumps-steel-aluminium-tariffs-rattle-makers-metals-2025-02-10/?utm_source=chatgpt.com. Acessado em: 11/07/2025.

JONES, Callum. *Wall Street tycon Stephen Schwarzman reverses couse and backs Trump*. The Guardian, 04/02/2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/article/2024/may/24/stephen-schwarzman-support-trump?>. Acessado em: 12/07/2025.

JOSHI, Amanda; KATZ, Jonathan. *Industry trade groups respond to Trump tariffs*. Chemical Processing, 03/02/2025. Disponível em: https://www.chemicalprocessing.com/asset-management/economics/news/55265333/industry-trade-groups-respond-to-trump-tariffs?utm_source=chatgpt.com. Acessado em: 11/07/2025.

LÊNIN, Vladimir Illitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. Tradução r.evista por Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LI, Yun. *Nvidia CEO Jensen Huang says tariff impact won't be meaningful in the near term*. CNBC, 19/03/2025. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/business/business-news/nvidia-ceo-jensen-huang-says-tariff-impact-wont-meaningful-term-rcna197141>. Acessado em: 10/07/2025.

- MARINGONI, Gilberto; GENTIL, Denise Lobato. *O império contra o universo*. A terra é redonda, 06/03/2025. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-imperio-contra-o-universo/>. Acessado em: 11/07/2025.
- MEYERSON, Nathaniel. *Target CEO: Expected price increases in the next couple days because of tariffs*. CNN, 04/03/2025. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2025/03/04/business/target-earnings>. Acessado em: 10/07/2025.
- MCLEARY, Pauli; GOULD, Joe. *Trump's tariffs threaten US weapons production*. Politico, 04/03/2025. Disponível em: https://www.politico.com/news/2025/04/03/trump-tariffs-defense-weapons-supply-chains-00006481?utm_source=chatgpt.com. Acessado em: 11/07/2025.
- MIGUEL, Luis Felipe. *Donal Trump – mais um prego no caixão da democracia liberal*. A terra é redonda, 07/11/2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/donald-trump-mais-um-prego-no-caixao-da-democracia-liberal/>. Acessado em: 11/07/2025.
- MORENNE, Benoit. *How the U.S Oil Industry Has Taken a Beating Under Trump, in Charts*. The Wall Street Journal, 01/05/2025. Disponível em: https://www.wsj.com/business/energy-oil/how-the-u-s-oil-industry-has-taken-a-beating-under-trump-in-charts-b5ba-0f60?utm_source=chatgpt.com. Acessado em: 11/07/2025.
- NATIONAL RETAIL FEDERATION. *More tariffs lead to higher costs for american families*. NRF, 02/04/2025. Disponível em: <https://nrf.com/media-center/press-releases/more-tariffs-lead-to-higher-costs-for-american-families>. Acessado em: 12/07/2025.
- OLICK, Diana. *New tariffs could raise home prices and sideline potential buyers*. CNBC, 03/02/2025. Disponível em: https://www.cnbc.com/2025/02/03/trump-tariffs-news-construction-and-home-costs-could-rise.html?utm_source=chatgpt.com. Acessado em: 15/07/2025.

- PLUME, Karl e HICKMAN, Renee. *Trump trade policy seen as wild card for US soybean farmers*. Reuters, 13/11/2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/markets/commodities/trump-trade-policy-seen-wild-card-us-soybean-farmers-opportunity-crushers-2024-11-13/>. Acessado em: 10/07/2025.
- PLUME, Karl. *ADM 2025 outlook clouded by trade tensions, biofuel policies*. Reuters, 04/02/2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/markets/commodities/adm-2025-outlook-clouded-by-trade-tensions-biofuel-policies-2025-02-04/>. Acessado em: 10/07/2025.
- POULANTZAS, Nicos. *Poder político e classes sociais*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Campinas: Editora Unicamp, 2019.
- POULANTZAS, Nicos. *A crise das ditaduras: Portugal, Espanha, Grécia*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- POULANTZAS, Nicos. *As classes sociais no capitalismo hoje*. Tradução de Antonio Roberto Neiva Blundi. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1975.
- REUTERS. *GM appoints insider Duncan Aldred to lead North America business*. Reuters, 05/05/2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/autos-transportation/gm-appoints-insider-duncan-aldred-lead-north-america-business-2025-05-05/>. Acessado em: 10/07/2025.
- U.S. CHAMBER OF COMMERCE. *U.S Chamber: Tariffs are not the answer*. U.S Chamber of Commerce, 01/02/2025. Disponível em: <https://www.uschamber.com/news/2025/02/01/us-chamber-tariffs-are-not-the-answer/>. Acessado em: 12/07/2025.
- WHITE HOUSE. *Support Grows for President Trump's America First Reciprocal Trade Plan*. White House, 03/04/2025. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/articles/2025/04/support-grows-for-president-trumps-america-first-reciprocal-trade-plan/>. Acessado em: 13/07/2025.

ZILBER, Ariel. *Ex-Goldman Sachs boss urges Trump to delay stiffer tariffs by six months to allow negotiations*. Ney York Post, 04/04/2025. Disponível em: <https://nypost.com/2025/04/04/business/ex-goldman-sachs-boss-lloyd-blankfein-urges-trump-to-delay-stiffer-tariffs/>. Acessado em: 12/07/2025.